

Interseccionalidade e trote na escola médica: buscando a raiz

Intersectionality and hazing in medical schools: searching for the root

Silmara Aparecida Conchão

Doutora em Ciências da Saúde, Centro Universitário Faculdade de Medicina do ABC (docente e pesquisadora), Santo André, SP, Brasil;
E-mail: silmara.conchao@fmabc.net; ORCID: 0000-0002-9330-8930

Marco Akerman

Doutor em Epidemiologia e Saúde Pública, Universidade de São Paulo (docente e pesquisador), São Paulo, SP, Brasil;
E-mail: marco.akerman@gmail.com; ORCID: 0000-0003-1522-8000

Eduardo Magalhães Rodrigues

Doutor em Planejamento e Gestão do Território, Universidade Federal do ABC (docente e pesquisador), São Bernardo do Campo, SP, Brasil;
E-mail: pesquisadorcesco@gmail.com; ORCID: 0000-0002-7384-6133

Contribuição dos autores: SAC foi a autora e pesquisadora principal, sendo o artigo resultado do doutorado em ciências da saúde. MA atuou como supervisor e orientador da pesquisa, auxiliando em todas as etapas, incluindo revisão e supervisão geral. EMR atuou na revisão, delineamento do estudo e desenvolvimento metodológico. Todos se responsabilizam pelo conteúdo do artigo.

Conflito de interesses: Os autores declaram não possuir conflito de interesses.

Fontes de financiamento: Próprio.

Recebido em: 13/05/2024

Aprovado em: 14/07/2025

Editor responsável: Carlos Alberto Severo Garcia Jr.

Resumo: Objetivo: Aprofundar o conhecimento dos fatores sociais que influenciam atitudes e valores no trote universitário. **Participantes:** 26 estudantes do 1º ao 4º ano da graduação de Medicina. **Métodos:** Pesquisa qualitativa com a técnica de grupos focais, por meio da análise do discurso sob a perspectiva de gênero, raça e classe. **Resultados:** o ‘currículo oculto’ continua baseado em relações abusivas de poder, cujas violências simbólicas aqui estão retratadas. Vimos as desigualdades de oportunidades nas diferenças de classe, além da subordinação de gênero e raça perpetradas por estudantes. Estes controlam as relações de poder em espaços onde a violência, a segregação e o preconceito são normalizados. **Conclusão:** deve ser redobrada a atenção contra os mecanismos de poder elitistas, racistas e patriarcais de exclusão, alimentados, também, por aqueles que sofrem com a opressão. A mudança depende de transformações sociais profundas relacionadas ao nosso contexto histórico, cultural e político brasileiro.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Trote; Escola médica.

Abstract: Objective: To deepen the knowledge of the social factors that influence attitudes and values in university hazing. **Participants:** 26 students from the 1st to the 4th year of the medical school. **Methods:** Qualitative research using the Focus Group technique, through Discourse Analysis with the race-class-gender perspective. **Research Outcomes:** the ‘hidden curriculum’ remains based on abusive power relationships, whose symbolic violence we discussed here. We verified the inequalities of opportunities in the class differences, as well as the race-gender subordination perpetrated by students. These dominate power relations in social spaces where violence, segregation and prejudice are normalized. **Conclusion:** we must strengthen attention against patriarchal, racial and elitist mechanisms of exclusion, also increased by those who are suffering with oppression. Another scenario depends on profound social changes related to our Brazilian historical, cultural and political context.

Keywords: Intersectionality; Hazing; Medical Schools.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe refletir sobre a forma como, em nossas sociedades, funcionam sistemas organizados e naturalizados de desigualdade, que

sustentam e legitimam práticas de violência, muitas vezes apresentadas como triviais ou parte da normalidade social. A cultura trotista, instalada em muitas escolas de ensino superior do Brasil e do mundo¹⁻³, é um desses sistemas organizados e naturalizados de desigualdades e violência como algo usual em nome de uma tradição. Docentes e discentes normalizam a cultura do trote e com ela se acostumam ao longo do tempo. Isto representa um verdadeiro desafio para aqueles e aquelas que buscam quebrar este ciclo de perpetuação, sustentado pelo silêncio que envolve um mecanismo hierárquico de reprodução e afirmação de poder.

O trote, enquanto prática social e cultural historicamente consolidada, não se limita a cursos ou universidades específicas. Entretanto, na área médica, observa-se reiteradamente maior intensidade e episódios de violência. Um caso amplamente noticiado ocorreu em 1999, quando a recepção de calouros da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo culminou em morte por afogamento. O episódio desencadeou debates públicos e institucionais sobre a necessidade de coibir abusos⁴. Desde então, diferentes estudos mostram que, após ondas de denúncia e mobilização social, há períodos de aparente retração das práticas violentas, mas estas tendem a retornar quando o tema deixa de ocupar a agenda pública⁵.

Os autores levantam a hipótese de que estas violações e opressões que ocorrem nos trotes universitários diminuem a intensidade mediante as denúncias e a divulgação pública dos abusos, porém, com o passar do tempo, se intensificam novamente à medida que as manchetes desaparecem e as tradições ressurgem com vigor. Esta hipótese parece se confirmar, à medida que em todo início de ano letivo a história se repete tanto no Brasil⁶ quanto em outros países⁷, gerando muitas denúncias, dores, desistências de seguir o curso e problemas de saúde mental⁸⁻¹⁰. Há pesquisas importantes sobre o tema estabelecendo várias conexões com abuso na infância¹¹, nexos entre bullying na educação básica e abuso moral nos locais de trabalho¹², dominação e coerção⁹ e currículo oculto¹³.

Conchão^{14:59}, ao discutir o conceito de currículo oculto proposto por Akerman, afirma:

“É o conjunto de tradições, valores, regras e rotinas que não estão escritas em nenhum documento da escola, mas que são transmitidas, conscientemente ou

inconscientemente, entre professores e estudantes, e entre estudantes e estudantes e que podem gerar tanto um ciclo vicioso de atitudes e ações que podem marcar o corpo e a alma dos estudantes durante o período escolar, ou para o resto do tempo de vida fora da escola.”

Apesar de vários estudos, persiste a cultura trotista. O que falta conhecer para enfrentar este problema?

A análise indica que se trata de um fenômeno de alta complexidade, atravessado por aspectos psicológicos, sociais, culturais, políticos e institucionais. Sua permanência, apesar das críticas, relaciona-se justamente à ausência de análises que consigam articular essas dimensões em uma compreensão integrada¹⁵.

Precisamos examinar mais profundamente as categorias de análise que temos considerado e se elas realmente abordam de forma abrangente e fundamental a questão dos trotes e das violências no ambiente universitário em geral, e na escola médica, em particular. O desafio consiste em evitar que as desigualdades e as violências relacionadas ao gênero, raça e classe sejam aceitas como parte natural do mecanismo da cultura trotista.

Nessa direção, o conceito de interseccionalidade proposto por Crenshaw é central. Segundo a autora:

“a combinação de múltiplos sistemas de subordinação tem sido descrita de várias maneiras, como discriminação composta, cargas múltiplas, ou até mesmo dupla ou tripla discriminação”^{16:177}.

Desta forma, apresenta o conceito de interseccionalidade, que é uma abordagem para compreender as complexas interações entre dois ou mais eixos de subordinação, procurando entender as implicações estruturais e a dinâmica dos padrões.

A autora se concentra especificamente em como o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios contribuem para criar desigualdades estruturantes que moldam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outros grupos¹⁶.

Apesar deste debate ser recente na América Latina, estudos sociológicos feministas têm nos mostrado ao longo dos anos que analisar a exclusão e/ou opressão sem considerar a intersecção das discriminações de gênero, raça e classe em bloco, é verificar e compreender em parte a realidade social. Especialmente no nosso caso, olhar para dentro do ensino superior na área do cuidado à saúde, como estas relações são produzidas e estabelecidas, reforçadas e reproduzidas neste espaço, que estabelece e sustenta padrões tradicionais de uma sociedade desigual.

O olhar interseccional aprimora a compreensão dos diversos aspectos que promovem a exclusão no campus universitário. Destaca ainda a importância de desenvolver medidas para a inclusão social, a igualdade e a equidade na instituição de ensino.

A análise interseccional desloca o foco de categorias sociais isoladas para a compreensão das relações dinâmicas que se estabelecem entre eixos como gênero, raça e classe. O autor enfatiza que a sobreposição desses fatores em contextos específicos transforma as próprias estruturas de dominação, produzindo novas variações de desigualdade¹⁷.

Verificamos como estão nossos alunos(as) na sua condição de gênero, raça e classe e aumentamos as nossas lentes e vimos além do que vemos, tornando aparente o inconsciente cultural e o indizível.

Estamos em busca de alcançar o controle sobre as estruturas que moldam o pensamento, a política e a sociedade, pois percebemos uma visão rígida do mundo e acreditamos que dentro dela há uma suposta verdade absoluta. Pinheiro argumenta que a condição periférica de uma sociedade não deriva apenas de recursos econômicos, mas da ausência de autonomia sobre os mecanismos que estruturam o pensamento, a política e a vida acadêmica, o que produz uma forma de colonização intelectual¹⁸.

METODOLOGIA

A pesquisa aconteceu no Centro Universitário de Ciências da Saúde do ABC (FMABC), entidade sem fins lucrativos, situada em Santo André (população estimada em 2021 de 723.889 habitantes¹⁹, IBGE), São Paulo, Brasil, que

recebe todo ano mais de cento e vinte alunas e alunos para estudarem Medicina por um período de seis anos.

O ingresso no ensino superior representa uma etapa de transição marcante para esses(as) jovens, que, ao conquistarem maior autonomia, passam a buscar modos próprios de inserção e de construção de vínculos com seus colegas. A diversidade está representada no grupo pesquisado que, devido às ações de políticas afirmativas, ampliaram-se as oportunidades advindas dos projetos de apoio à inclusão de estudantes de baixa e média renda nas universidades brasileiras.

A pesquisa utilizou a perspectiva de análise interseccional considerando que a luta pela igualdade deve envolver mais do que gênero, deve envolver a consciência do capitalismo, do racismo e do colonialismo. Assim, descortinou os efeitos da sobreposição das discriminações e defendeu que esta abordagem procura enfrentar de forma abrangente a interação entre violência, supremacia branca, patriarcado, poder estatal, capitalismo e políticas imperiais²⁰.

A perspectiva interseccional da pesquisa busca elucidar as diferenças conectadas com as desigualdades. Esta análise dá conta da importância de não ignorar a organização histórica e desigual da diversidade humana. É a consideração da intersecção das diversas formas de discriminação cultural interessada em recuperar as experiências soterradas, reconfigurando o conhecimento oficial ou tradicional.

Buscamos desvendar as experiências dos estudantes, sejam, eles, bolsistas ou não, negros e não negros, LGBTQIA+ e heterossexuais, mulheres e homens, esportistas e não esportistas e de diversidade étnica. Analisamos as diferentes categorias de discriminação que se sobrepõem umas às outras e a relação destas com o mecanismo do trote.

Utilizamos a metodologia qualitativa para que fosse possível descrever e analisar o aspecto social e a cultura das relações sob o ponto de vista dos que estão sendo estudados. O perfil metodológico deste estudo se caracteriza por levantamento de depoimentos através da história oral coletiva, considerando história não só o passado, mas também o

conhecimento e o registro do presente. A técnica utilizada foi a de grupos focais. A mediação dos pesquisados(as) foi organizada de forma flexível e interativa, não se limitando a um conjunto de questões fechadas.

A técnica de grupos focais, conforme discutido por Rodrigues²¹, possibilita captar dimensões subjetivas, como percepções, representações sociais e experiências compartilhadas. a partir da interação entre participantes, oferecendo material qualitativo valioso para análises interpretativas. Tais elementos são frutos das relações sociais. Este estudo também pode ser utilizado de forma combinada com outras técnicas na coleta, como a de observação participante, por exemplo.

Inspirados em Garland²², adotamos a noção de “história do presente”, que se diferencia da historiografia clássica ao enfatizar conflitos atuais e contextos silenciados, permitindo reavaliar a relevância de fenômenos contemporâneos.

O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da FMABC em janeiro de 2018. A coleta de dados envolveu dois grupos focais, com participação voluntária de 26 estudantes do 1º ao 4º ano de Medicina, que, ao todo, contribuíram com cerca de seis horas de debate.

RESULTADOS

Não propriamente as experiências pessoais e individuais estão em questão aqui, mas sim a configuração das relações de poder. Paramos e ouvimos para não interpretarmos erroneamente pessoas ou situações. Por isso, nosso público foi intérprete da realidade que os rodeia, tendo nós desenvolvido métodos de pesquisa que priorizaram o ponto de vista desses indivíduos. Nesse sentido, nossa pesquisa desvelou atitudes, emoções e as relações estabelecidas entre estudantes de Medicina capturando significados ocultos nas estruturas sociais.

As falas deles e delas estão separadas por ‘M’ de masculino e ‘F’ de feminino e apresentadas aqui em itálico. A necessidade de colocar para fora o que veem e o que sentem foi notável. Foi crucial permitir que eles se sentissem confortáveis para se expressar livremente e com vontade, assegurando que a interação ocorresse conforme planejado.

Podemos observar e entender que, além dos desafios sociais e econômicos causados pela desigualdade decorrente da estrutura do trabalho em nossa sociedade capitalista, a discriminação com base em gênero e raça/etnia só aumenta os obstáculos enfrentados pelas pessoas vulnerabilizadas pela pobreza.

É notável na narrativa abaixo, a consciência racial e de classe no reconhecimento identitário deste jovem negro, empoderado politicamente, bolsista e LGBTQIA+. Enfrenta cotidianamente o desafio de permanecer dentro de uma universidade com tradição e histórico elitista e branco. Subproduto de uma sociedade que tem o racismo como um sistema estruturante e presente em todo o processo de vivências desiguais baseada na cor da pele:

M – O embranquecimento é prévio, é anterior, a gente tem que entender que fazemos medicina e medicina não é coisa para preto. As pessoas falam que eu não tenho cara de médico, mas é mentira, eu não tenho ‘cor’ de médico. Essa é a questão. E uma coisa que eu vejo muito aqui é que as atitudes cometidas por algumas pessoas negras são muito mais enaltecidas do que por pessoas brancas. Então eu acho que a questão das opressões contra minorias transcendem o trote porque na hierarquia do gênero o homem está acima, na hierarquia étnico racial o branco está acima e essa hierarquia manda na hierarquia, então o trote não chega em mim não só porque eu sou uma pessoa empoderada, o trote não chega em mim porque não precisa de um trote quando se tem um racismo institucionalizado em todas as esferas.

Na cultura trotista existe o medo ou o receio de atingir alguém que vem do movimento social, alguém com consciência de gênero, raça e classe, que conhece seus direitos e as leis no país. Neste aspecto, nosso aluno negro se sente ‘blindado’, mas não incluído na agenda de oportunidades na vida acadêmica. Mas para ele, que vive lá fora uma vida de exclusão e violência, a universidade passa a ser um local seguro, mas de silenciamento também.

M – Quando você entra calouro aqui, você é preto, gay e pobre a sua identidade prévia importa sim, tipo as pessoas me conheciam antes de eu conhecê-las, eu sempre fui blindado de tudo aqui por um motivo que eu não sabia o que era e hoje com mais consciência racial, talvez eu esteja tateando isso, mas eu nunca sofri nada, tipo, ninguém nunca pediu pra eu servir cerveja nas festas aqui. E na festa de recepção, eu dançando até o chão. Nunca deixei de dançar, nunca deixei de beber, eu nunca passei por absolutamente nada porque as

peessoas tem medo de mim, o mesmo medo que as pessoas têm de mim quando estão em uma rua escura e elas me encontram e atravessam a rua, é o mesmo racismo, é a mesma questão racial... eu tinha medo das pessoas no ensaio, mas eu percebia nitidamente que elas tinham muito mais medo de mim. As regras que passavam para pessoas da minha sala, tinha uma regra especial que valia só para mim. Na competição esportiva dos calouros eu fui quase obrigado a não tirar a roupa, foi ótimo porque eu não queria tirar, mas dentro de mim nasceu um conflito de porque eu não passo por nada disso e todos os meus amigos passam? Eu nunca sofri homofobia aqui porque a minha cor chega antes de qualquer outro fato, sabe? ...Se você vai para uma balada fora da faculdade nada te assegura que nada de errado vai te acontecer... quando você é da periferia e de repente você está dentro desse meio, nada é seguro, nenhuma festa fora daqui pra mim é segura...eu me sentia mais seguro dentro das festas da Atlética...eu sempre apanhei antes de chegar aqui, então os tapas que eu assistia em festa não me incomodavam muito, porque aquela era minha realidade.... Fui exaltado, mas nada sofri, isso também é repressão, isso também é “silenciamento”.

Os rapazes homossexuais brancos concordam que exista uma ‘blindagem’ com eles também pelo fato de serem gays, mas consideram que pelo fato de não serem negros têm uma participação maior e propositiva na agenda do esporte e do Diretório Acadêmico. Afirmam a necessidade de dizer “não”, como um meio eficaz de impor limites diante das relações abusivas de poder:

M - Quero em relação a blindagem, lógico que eu não sei falar em relação a etnia e tudo mais, mas o fato de ser gay aqui é uma blindagem, eu acho pelo menos, como você falou ... eu trouxe meu namorado em vários ensaios e várias festas, nunca ouvi nada, sempre deixei claro que é meu namorado e nos beijamos assim como qualquer casal hétero e eu nunca sofri represália...as pessoas sabiam quem eu era, antes de eu saber quem elas eram, e isso eu acho que é muito porque eles têm medo de quebrarmos o silêncio, então eles preferem não fazerem nada com a gente, porque nós temos a capacidade de quebrar o silêncio na visão deles e na minha visão isso é real ... E isso entra muito no “não”, quando você sabe falar ‘não’, e alguém te impõe você vai quebrar o silêncio, porque você falou “não” para essa pessoa, então ela tem essa ciência de que você vai quebrar o silêncio.

Sinais de mudanças na socialização entre estudantes aparecem nesta narrativa em relação à comunidade LGBTTQIA+, branca e masculina, especificamente no território do esporte e no diretório acadêmico:

M - ...quando eu entrei eu percebia: ... os caras gays não se manifestam nem nas festas, eu não os vejo participando ... Eu até perguntei, acho que as pessoas

devem excluir muito porque eu não vejo o público gay assim na festa da Atlética, participando do esporte e de uns tempos para cá eu vi uma inclusão, não sei se porque abraçaram ou se foi porque as pessoas foram porque tinham interesse mesmo, eu tive interesse de ir para o esporte e fui e ele teve interesse de ir pro Diretório Acadêmico e ele foi e eu comecei a ver que realmente começou a pipocar mais gente. Não somos mais pessoas silenciadas ou esquecidas ou que têm medo de dar a cara a tapa porque vai sofrer.

Aqui vemos a importância e o perfil do alvo que irá apreender as lições da cultura trotista como algo correto em nome de uma tradição e do amor pela faculdade. O alvo destes grupos não são somente os oprimidos que irão obedecer e servir, mas também os que irão reproduzir a perpetuação deste sistema de dominação e a naturalização dele, mantendo viva a ‘espécie opressora’ ou o ‘ovo da serpente’ como chamamos:

M - ...Eles querem o padrão que é uma pessoa que é rica, branca, hétero e eles escolhem essas pessoas. Essa pessoa vai continuar o ciclo, e assim, “eu mantenho meu nicho de dominância no lugar, porque a partir do momento que eu saí dessa eu pego e passo para outra pessoa que eu tenho certeza que vai conseguir manter essa roda circulando.”

Veremos a narrativa de uma aluna negra. A ideia foi garantir o “lugar de fala”. Precisamos assimilar a ideia de que não devemos sempre ser protagonistas da fala falando “por”. A expressão “lugar de fala” surge para a necessidade do rompimento de uma voz única. Surge para levantar outras perspectivas contribuindo para o debate mostrando diferentes perspectivas. Este lugar de fala nos revela o desafio cotidiano de conviver e de permanecer neste universo onde a aluna compartilha sua percepção e indignação diante da pressão psicológica vivenciada pelas alunas “atletas” da medicina nos treinos²³.

F - Eu comecei a entrar dentro desse mundo de medicina quando eu comecei com a eletiva de Cultura Afro, que pra mim foi um choque muito grande ... eu comecei a perceber que o mundo aqui é muito perigoso. Eu falo que a faculdade é um caso sério de saúde mental. Na eletiva ... nós fomos ao museu com uma aluna X e a gente ficou muito assustada... Eu tinha uma prova de genética, pô é uma prova ... e ela tinha o treino da Atlética. A menina começou a dar crises dentro do carro ... então você chega no treino atrasada porque estava num trânsito enorme, não tem como a gente passar por um trânsito, e as meninas do treino faziam aquela violência com a menina, psicológica entendeu? Tipo “Você tá achando que você é o que? Você não é nada.” Ser uma preta dentro de uma faculdade já é osso, imagina uma preta, mulher dentro de um grupo desse

de medicina? Então eu acho que é uma violência extrema... Aqui ainda é um mundo novo pra mim, por mais que eu esteja há três anos e meio na militância, vendo cada caso fudido de racismo, de preconceito contra gênero, ver isso é complicado, mas também vocês têm que entender que os grupos aqui dentro, as pessoas que são excluídas desse meio se fortalecem amplamente. Então é muito bonito essas fortalezas que eles constroem e nunca, nunca vocês estão sozinhos. Muitos deles, sei lá gente, tapado, idiota, não sei, parece que não tem cérebro as pessoas, porque é horrível ver o jeito que tratam.

Ambientes livres de assédio são fundamentais para o exercício autônomo e criativo na vida das mulheres que são cotidianamente desafiadas por ambientes sexistas. No espaço acadêmico esta questão não se mostra diferente. Ao contrário do silêncio passivo ao qual a estrutura machista e patriarcal tenta submeter a mulher, a pesquisa revela o quanto precisamos provocar mudanças e avançar neste debate sobre relações de gênero nos espaços escolares:

F – E eu não vou ficar levando xingo porque eu sou mulher, ficar aguentando uns veteranos que já se formaram na faculdade ficar analisando os peitos das meninas que entraram na rodinha, sabe. E falando “É silicone, não é?” Gente que absurdo!

F - Nos hinos coisas absurdas como “Ah, vou comer teu cu até sangrar.” “Pau no cu daquela velha, ela deu pra 33.” Que no caso é referindo à mãe... “Vou comer sua mãe de quatro.” “Sua mãe de quatro no meu pinto.” “O urso estuprou.” São vários hinos que você fala “Gente como que isso no século XXI está sendo cantado pela boca de alunos que até ontem eram um “proletariado uni-vos” sabe?” E que vão ser médicos, provavelmente GO, né?

M - Mas os apelidos quase todos tem conotação sexual.

F - Até nisso o machismo entra, a gente tem que ser objetificada, mas tem uns caras que tem uns apelidos que eu acho super da hora aí forma toda uma história super engraçada sobre a vida deles e é engraçado, agora tem uns que mano... “Mistupra”. Fiquei chocada!

O preconceito, motivado pela situação econômica, também é responsável pela segregação e isolamento de alunos(as), da mesma forma que aquele dado pela cor da pele e gênero. E quando estes se sobrepõem, o fato de ser mulher, negra (o), pobre, LGBTQIA+, e outras possibilidades, colocam as pessoas em situações de extremo silenciamento. Aumenta o risco de adoecer, se isolar, evadirem-se do sistema de ensino e até de morrer. Não

basta garantir o acesso aos bancos escolares, há que se cuidar minuciosamente da permanência dessa diversidade na universidade:

F - Eu vejo isso em vários sentidos porque, por exemplo, na turma 50 eu entrei na sala pra dar recado das condições de trote e não tinha um negro e foi a primeira coisa que a gente comentou e tem muito Prounista na comissão de trote desse ano, eu sou uma Prounista e eu sei que isso pode não parecer nada para algumas pessoas, mas pra gente que é Prounista é nítido o quanto a gente é excluído. É impressionante, se você reparar todo Prounista da minha sala se juntou, tem duas exceções que não se juntaram com Prounista e que estão na Atlética, um que já entrou pedindo pra apanhar porque queria bater nos outros que é exceção da exceção da terra e uma menina que ela queria porque queria se entrosar e eu vou fazer acontecer e foi pro esporte entendeu? Tirando isso todos os outros Prounistas da minha sala só andavam juntos. Tudo aqui pede rios de dinheiro, pra gente não é tão fácil assim, cara. A galera chega "Cinquenta conto aqui" meu, 50 conto pra mim? ... É muito difícil pra quem é Prounista ficar aqui dentro.

As que chegam, estão cada vez mais questionando a prática imposta a elas na famosa competição da Calomed (Competição de Calouros de Medicina): a da apropriação cultural, que nesse caso, seria parte desta tradição para valorizar a nossa história inspirada na cultura afrodescendente? Ou, é defendida ainda hoje pela cultura trotista, para valorização de aspectos escravocratas que demarcam as diferenças e sustentam as desigualdades raciais características da nossa sociedade colonialista?

Vejam, abaixo, essas manifestações:

F - Eu não fiz as tradicionais trancinhas no cabelo, a gente pode discutir isso depois, eu achei que era apropriação cultural, não sei, a gente pode até discutir, mas eu não fiz, só que lógico que eu não cheguei e falei assim "Ah, é apropriação cultural." Eu entendo que as pessoas do sexto ano vão mandar eu me foder "O que você tá fazendo? Você não sabe nada!"

F - Bom, eu já tive uma discussão ferrada com a X... ela chegou e falou assim "O que que você acha dessas meninas que usam turbante? Branca que usa turbante." Pô meu, aí eu falei assim "O que você acha de eu chegar aqui com uma burca amanhã?"

A invisibilidade e o silenciamento das alunas lésbicas são evidentes. Somando a outras características sociais, como o fato de ser pobre e de ser negra (o), que se sobrepõem muitas vezes em uma só pessoa se apresentam como um problema no convívio acadêmico. Tudo isto, nos seus diversos

espaços, não só na relação entre estudantes, bem como, na relação com professores. Nos vemos diante de um ensino pautado por um modelo heteronormativo que se empenha na imposição de padrões conservadores:

F – ... eu via aquelas pessoas que eram para ser pessoas que iam me acolher reproduzindo coisas extremamente negativas ... as meninas vão para a Calomed pintadas, com cabelo vermelho e com as trancinhas. E eu na época já tinha o cabelo curto e falei “cara, faço questão de inclusive não fazer a porra das trancinhas e vou com o cabelo ‘meiado’ para a Calo” (igual os meninos). E é muito louco isso das pessoas já me verem como uma mulher que não performa a feminilidade, então já meio que começava a rolar aquele burburinho “pô, ela é sapatão!” E o que eu percebi ... as pessoas não se sentem à vontade para falar, não se sentem representadas e eu percebo que existem mais meninas que são LGBTTT aqui dentro, mas que não se reportam sobre isso, não se manifestam por realmente ter toda essa pressão, sabe? ... até mesmo durante algumas aulas que, por exemplo, em uma disciplina de saúde sexual reprodutiva eu não tive nenhuma aula falando sobre população LGBTTT e as formas de, por exemplo, uma mulher que faz sexo com outra mulher da gente se proteger... mais uma invisibilidade.

M - É, como gay eu já ouvi falar “não tem problema você ser gay aqui dentro, só não pode...” enfim, frases como “você só não pode se soltar” ... pelo menos com gay pobre é assim.

M - É tipo assim “tudo bem você ser gay e pobre, mas comporte-se...” Tudo bem você ser pobre, ProUni, mas “vai vir de chinelo?” ... Inclusive uma professora que eu gosto muito de paixão, mas toda aula ela insiste em falar que eu não me visto como médico.

DISCUSSÃO

Apesar de a nossa universidade manter o status que a credencia enquanto uma instituição respeitada na formação de profissionais da saúde, o seu ‘currículo oculto’¹⁴ expõe nossos(as) estudantes a situações de vulnerabilidades. Relatos de exclusão, agressões psicológicas e físicas misturam-se a ocorrências de assédio moral e sexual.

A perspectiva interseccional, nos permite analisar que negros, mulheres, pobres e LGBTTTQIA+, continuam excluídos(as) quando conquistam um lugar na universidade¹⁷. A população negra, essencialmente as mulheres negras estão longe de conquistar espaço e respeito neste lugar predominantemente branco e se for pobre a permanência se torna muito mais difícil e dolorosa. Essa desigualdade na sociabilidade entre nossos(as) estudantes refletirá

como um obstáculo também nas trajetórias profissionais e de vida destes sujeitos.

Portanto, o trote se revela como um instrumento de poder que opera nas relações entre estudantes. À luz da interseccionalidade, o que se observa não é apenas a diferenciação entre grupos sociais, mas a forma como distintos eixos de opressão — como gênero, raça e classe — se articulam dinamicamente. Nessa interação, verificamos que as desigualdades não se anulam; ao contrário, produzem tratamentos diferenciados justamente entre aqueles que já se encontram em situação desigual¹⁷.

Existe um jogo que funciona para os rapazes e outro para as moças. O negro ou negra e o LGBTQIA+ são 'blindados' nesta estrutura, não há violência visível com estes e, ao mesmo tempo, nunca terão como se expressar. Não é do interesse do grupo dominante se for contestador ou se não for atleta. Este tem seu alvo padrão para a perpetuação e a manutenção da hierarquia: jamais serão alunos(as) ativistas ligados a movimentos sociais que são detentores da consciência de gênero, raça e classe. Não se deixam dominar, e assim, são excluídos na invisibilidade.

Ambos os sexos sofrem pressão psicológica. Rapazes brancos e novatos estão mais vulneráveis às violências físicas, moças brancas à violência sexual. Negros e negras, LGBTQIA+, ricos ou não ricos, estão 'blindados'. Tudo bem ser preto, pobre ou homossexual, o recado é dado nas entrelinhas: “não nos atrapalhem e se servir, for atleta e obedecer a nós, interessa”.

No mundo LGBTQIA+, diferentemente dos rapazes homossexuais ricos ou não ricos, as lésbicas estão silenciadas e invisíveis. Não se sentem representadas nas aulas nem seguras naquele espaço de convivência. Se falar, é confrontada não só na relação entre pares como na relação com os professores. O padrão do ensino neste campo é heteronormativo.

Ambos, rapazes e moças, vivenciam ou já vivenciaram a violência simbólica, aquela mais sutil, naturalizada, de pressão psicológica. Bourdieu²⁴ define a violência simbólica como um tipo de dominação que se exerce de modo sutil, sem uso de força física direta, mas que produz efeitos profundos sobre a autoestima e a posição social dos indivíduos. De acordo com o autor, a

violência simbólica leva os indivíduos a se posicionarem dentro da estrutura social de acordo com os padrões estabelecidos pelo discurso predominante, resultando em situações em que os que são alvo dessa violência se sentem diminuídos, como é o caso do bullying (uma forma de humilhação persistente).

O trote aqui se revela como mais um instrumento e reflexo da dinâmica social dentro e fora da universidade. E neste espaço de ensino, a imposição do poder, não vem somente de “veteranos(as)”, órgãos como a Atlética, mas também na relação entre professores e alunos(as).

CONCLUSÃO

O trote na medicina mantém a máscara de “brincalhão” em sua longa tradição, enquanto encobre um mecanismo contínuo de exclusão e reforço das desigualdades sociais. Por meio de atitudes discriminatórias, estabelece e legitima, dentro daquele ambiente, uma divisão simbólica entre indivíduos considerados mais ou menos valiosos. Dessa forma, contribui diretamente para a consolidação das hierarquias presentes na formação médica.

Vale acrescentar que, embora nossa investigação tenha dado ênfase à análise sociológica e não tenha explorado o estudo do sofrimento psíquico, a análise dos resultados nos permite afirmar que existe correlação direta entre os diversos aspectos apresentados e situações de forte sofrimento mental.

O trote universitário atua como um mecanismo que reforça práticas discriminatórias, como o machismo, o racismo, a homofobia e, principalmente, as disparidades socioeconômicas. Ele contribui para a legitimação das desigualdades sociais e das barreiras de acesso, tratando-as como algo natural. Além disso, perpetua comportamentos baseados em uma herança histórica marcada por valores coloniais que ainda influenciam profundamente a sociedade brasileira.

A sobreposição ou a intersecção das discriminações, ou seja, ser jovem, pobre, negro, mulher negra e não negra, lésbica e homossexual ainda representa um grande desafio, não só para o acesso à universidade, bem como, para a permanência e participação igualitária. Vemos na base desta sobreposição o grande desafio das mulheres lésbicas e negras.

Raramente questionamos as hierarquias arraigadas em nossa sociedade, da mesma forma que raramente questionamos o simples ato de respirar. Isso contribui para a força e a naturalização dessas hierarquias. Hierarquia moral e invisível, mas com efeitos devastadores visíveis. Souza ^[25] aponta que a eficácia das hierarquias invisíveis reside justamente na capacidade de naturalizar a subordinação, levando aqueles que são inferiorizados a internalizar sua condição como se fosse inevitável — um processo que o autor descreve como formação de uma mentalidade servil.

Essa ideia de que algumas pessoas são superiores às outras é amplamente aceita sem questionamentos, pois raramente é examinada. Essa norma social tem mais impacto do que a lei formal, já que as chamadas "classes superiores" são aquelas que detêm conhecimento valorizado e moldado por preconceitos, o que normaliza a violência e a desigualdade.

Os preconceitos de gênero, cor e classe são estratégias perversas de segregação, de sustentação das desigualdades e de opressão que organiza e mantém o processo colonizador e excludente entre as pessoas. Este mecanismo é estruturante na manutenção do poder econômico, branco, masculino e heteronormativo.

O momento exige atenção redobrada aos dispositivos sociais que promovem exclusão e seleção, como o trote universitário, que se revela como mais uma engrenagem na reprodução das diferenças, na legitimação das desigualdades e na banalização da violência. Ao se envolver nesse sistema, seja de forma consciente ou não, os participantes acabam alimentando e mantendo vivo aquilo que simbolicamente chamamos de “o ovo da serpente”: a semente de práticas autoritárias e discriminatórias que continuam a se desenvolver sob a aparência de tradição e normalidade.

Os estudos sobre a interseccionalidade nos fizeram compreender mais sobre a dinâmica social pautada por desigualdades normalizadas e uma política educacional do esquecimento instalada em nossa história. Ela se repete dentro do espaço educacional de ensino superior exercendo seu controle e resguardando privilégios.

Apesar dos mais velhos que participaram da pesquisa afirmarem mudanças, o mecanismo dentro da faculdade, ainda, se apresenta silenciado como um processo contínuo de dominação que resguarda privilégios de um lado, e de outro, fere os direitos e as liberdades individuais.

REFERÊNCIAS

1. Frank E, Carrera JS, Stratton T, Bickel J, Nora LM. Experiences of belittlement and harassment among medical students in the United States: longitudinal survey. *BMJ*. 2006;333(7570):682.
2. Berk RA. Derogatory and cynical humour in clinical teaching and the workplace: the need for professionalism. *Med Educ*. 2009;43(1):45–50.
3. Vidaleio A, et al. Why medical schools are tolerant of unethical behavior. *Ann Fam Med*. 2015;13(2):176–80.
4. Akerman M, Conchão S, Boaretto R. *Bulindo com a Universidade: um estudo sobre o trote na Medicina*. São Paulo: Hucitec; 2012.
5. Akerman M, Scalisa F, Akerman J. Para enfrentar os trotes e violências nas universidades: o que falta? *Interface (Botucatu)*. 2015;19(54):373–84.
6. Kapa R. Trote violento é alvo de CPI e mobiliza alunos e autoridades. *O Globo* [Internet]. 2015 [citado 10 set. 2023]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/trote-violento-alvo-de-cpi-mobiliza-alunos-autoridades-15474626>
7. Riley K. A deadly year in fraternity hazing comes to a close. *The Atlantic* [Internet]. 2017 [citado 10 set. 2023]. Disponível em: <https://time.com/5071813/fraternity-hazing-deaths-2017/>
8. Graner KM, Cerqueira ATAR. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Cienc Saude Colet*. 2019;24(4):1327–46.
9. Fávero M, Pinto S, Ferreira F, Machado C. Hazing violence: practices of domination and coercion in hazing in Portugal. *J Interpers Violence*. 2018;33(11):1830–51.
10. Srabstein J, Piazza T, King RA, Linker J. Prevention of public health risks linked to bullying: a need for a whole community approach. *Int J Adolesc Med Health*. 2008;20(2):185–99.
11. Reid GM, et al. Perceived consequences of hazing exposure during the first year of college: associations with childhood victimization. *J Am Coll Health*. 2019;67(5):402–9.
12. Tofler IR. Hazing and initiation in schools: a global view. *Educ Rev*. 2018;70(6):745–58.
13. Lempp H, Seale C. The hidden curriculum in undergraduate medical education: qualitative study of medical students' perceptions of teaching. *BMJ*. 2004;329(7469):770–3.
14. Conchão S. *Faculdade de Medicina. “Ame-a ou deixe-a!”: um estudo interseccional sobre o trote universitário*. São Paulo: Hucitec; 2023.

15. Almeida AR, Queda O. Universidade, preconceito e trote. São Paulo: Hucitec; 2006.
16. Crenshaw K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estud Fem.* 2002;10(1):171–87.
17. Pereira BCJ. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. *Rev Bras Cienc Soc.* 2021;36(107):1–20.
18. Pinheiro L. Violência simbólica e relações de poder na universidade. *Educ Soc.* 2014;35(129):45–61.
19. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativas da população residente para os municípios e para as unidades da federação brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2021. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.
20. Davis A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo; 2016.
21. Rodrigues E. Grupo focal e análise de dados qualitativos. Santo André: CESCO/FMABC; 2019.
22. Garland D. A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Revan; 2014.
23. Ribeiro D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017.
24. Bourdieu P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.
25. Souza J. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya; 2017.